



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**Faculdade de Ciências e Letras**

**Campus de Araraquara - SP**

**UM ESTUDO SOBRE A EVOLUÇÃO RECENTE DA AGROINDÚSTRIA EM  
CUBA**

**ARARAQUARA – SP**

**2012**

**FELIPE LUIZ CABRELON**

**UM ESTUDO SOBRE A EVOLUÇÃO RECENTE DA AGROINDÚSTRIA EM  
CUBA**

Projeto de Monografia apresentado ao Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas

**Orientador:** Prof. Dr. Sebastião Neto Ribeiro  
Guedes

**Banca:** Prof. Dr. Enrique Amayo Zevallos

**Araraquara – SP**

**2012**

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a toda minha família que sempre foi a grande incentivadora de todas as minhas conquistas. Em especial aos meus pais que em momento algum negligenciaram esforços para que todos os meus sonhos se tornassem conquistas. Vocês são os melhores pais que eu poderia escolher.

Ao meu irmão, por sempre ser um exemplo de persistência, e que desde as primeiras dúvidas nas tarefas de matemática do ensino fundamental estive do meu lado gerindo palavras de encorajamento aos obstáculos que a faculdade me iria “ofertar”.

Ao professor Sebastião, pela calma e paciência empregadas neste trabalho.

Aos meus amigos de São João, que não ousou citar nomes para não esquecer nenhum, que desde o pré, passando pelo colegial e até hoje estiveram do meu lado, seja me incentivando, seja fazendo *bullying* aos meus 6 anos de faculdade. Neste quadrante de amigos, destaco o pessoal da Rep de SP: Rubbo, Nic e Fau, que neste último ano contribuíram para que a transição da “Terra do Nunca” para a “vida real” fosse sentida de maneira suavizada, me propiciando momentos sempre muito agradáveis.

*A mis hermanos de Erasmus en Santiago, muchas gracias por los momentos mágicos e increíbles que hemos pasado juntos. Nunca voy a olvidar de nada: cada uno de vosotros me hice un poquito mejor.*

Às pessoas incríveis e “particulares” que a faculdade me apresentou, com destaque aos membros e agregados da saudosa turma XXV de Economia. Obrigado por dividirem os conhecimentos de véspera e durante provas, a reclamação dos professores, pelas festas e pelos inesquecíveis jogos e histórias que quando contamos ninguém acredita (o dente do Montanha fala por si só).

Por fim, aos agregados e moradores da melhor república de Araraquara e região: Rep. Xerém! Um obrigado especial aos feras Bozo, Kiko, Materazzi, Pacato e Solidão, que em todos anos de faculdade estiveram do meu lado, vivenciando os melhores momentos que a Unesp iria me dar. Obrigado aos eternos bixões: Nino, Bóia, Vagisil, Alf, Godão, Cepacol, Betão, Sinistro, Lixeira e Larika! Vocês todos estarão sempre nas melhores lembranças dos melhores anos da minha vida!

Valeu Unesp Araraquara!



## Índice de Gráficos e Tabelas

GRÁFICO 1: PRODUÇÃO DE AÇÚCAR EM CUBA DE 1820 À 1898 (MIL/TON).....	15
GRÁFICO 2: PIB E PRODUÇÃO DE AÇÚCAR DE 1989 À 2000.....	41
TABELA 1: COMÉRCIO INTERNACIONAL DO AÇÚCAR EM 1760 E PRODUÇÃO AÇUCAREIRA MUNDIAL EM 1840	14
TABELA 2: VALOR ESTIMADO DA PRODUÇÃO (1957-1958) .....	18
TABELA 3: EXPORTAÇÕES DE CUBA 1957-1960 (MILHÕES DE PESOS).....	19
TABELA 4: POPULAÇÃO ATIVA CLASSIFICADA POR RAMOS DE ATIVIDADE ECONÔMICA* .....	20
TABELA 5: VARIAÇÃO SAZONAL DE DESEMPREGO (maio/1956 – abril/1957) ....	21
TABELA 6: DISTRIBUIÇÃO DE PROPRIEDADE AGRÍCOLA EM CUBA - 1945 .....	22
TABELA 7: RESUMO NACIONAL DE UNIDADES AGRÍCOLAS DE EXPLORAÇÃO DO SETOR PRIVADO EM AGOSTO DE 1961 .....	26
TABELA 8: PRODUÇÃO DE ALIMENTOS BÁSICOS EM CUBA DE 1961-1987 (MIL/TONELADAS).....	28
TABELA 9: PRODUÇÃO DE LEITE (MM litros/ano).....	30
TABELA 10: INDICADORES DE EFICIÊNCIA DE PRODUÇÃO SUÍNA .....	30
TABELA 11: DINÂMICA DA PRODUÇÃO AVÍCOLA .....	31
TABELA 12: PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES E PRODUÇÃO DE ALIMENTOS .....	32
TABELA 13: PRODUÇÃO DE CÍTRICOS.....	33
TABELA 14: CUBA: PIB e PRODUÇÃO DE AÇÚCAR DE 1958 à 1988 (MIL/TONELADAS):.....	36

TABELA 15: CUBA: PRODUÇÃO DO AÇÚCAR NAS EXPORTAÇÕES TOTAIS A PREÇOS CONSTANTES .....	38
TABELA 16: CUBA: COMÉRCIO DE BENS 2001-2006 (milhões de pesos) .....	47
TABELA 17: PRODUÇÃO DE CANA DESDE 1999 À 2009 (MMt) .....	48

## Índice

RESUMO .....	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 .....	13
A Agroindústria antes da Revolução Cubana.....	13
1.1) Construção das bases do mercado de cana-de-açúcar. ....	13
1.2) A dependência com o setor externo e as consequências de suas flutuações. ....	16
1.3) As medidas econômicas para recuperação do setor Açucareiro.....	17
1.4) PEA, setor privado, a distribuição de propriedade e condições de vida dos agricultores antes da Revolução .....	20
CAPÍTULO 2 .....	24
A Revolução Cubana e as mudanças na Agroindústria.....	24
2.1) Medidas Iniciais da Revolução .....	25
2.2) A reorientação da Agroindústria e a mudança no foco da cana-de-açúcar. ....	27
2.2.1) Gado .....	29
2.2.2) Suínos.....	30
2.2.3) Produção Avícola .....	31
2.2.4) Produção de Alimentos .....	32
2.2.5) O Programa de Cítricos .....	33
2.3) O Programa Açucareiro.....	34
CAPÍTULO 3 .....	39

Consequências do fim da Aliança Socialista.....	39
3.1) Mudanças na Agricultura e impactos na produção de cana. ....	39
3.2) Os desafios do Século XXI .....	44
3.2.1) Importações .....	46
3.2.2) Exportações .....	47
Conclusão .....	50
Referências Bibliográficas.....	52



## RESUMO

Este trabalho visa a análise da evolução e desempenho da agroindústria cubana, com enfoque no setor canavieiro no passado recente.

A cana foi responsável por formar as bases econômicas da ilha na época colonial, através de acordos com os Estados Unidos, que perduraram até os embargos econômicos sofridos por este país na década de 50.

A partir destas sanções, é evidente que mudanças na estrutura econômica do país viriam a ocorrer. Era preciso que os alimentos antes importados dos EUA continuassem a ser acessíveis à população bem como o açúcar continuasse a gerar dividendos para o país. Para isso Cuba em meio à Revolução Socialista e da aliança com a extinta URSS, que comprava o açúcar cubano à preços artificiais enquanto o país moldava mudanças estruturais na agroindústria canavieira para atender às necessidades básicas.

A derrocada da URSS no final da década de 1980, fez com que a artificialidade do mercado de açúcar entrasse em colapso, ocasionando em um grande declínio na agroindústria, e na tentativa do Governo Socialista em reverter este cenário.

**Palavras- chave:** Cuba; cana-de-açúcar; agroindústria;

## INTRODUÇÃO

A indústria açucareira constituiu historicamente o principal setor da economia cubana. Isto se explica entre outras razões, por seu peso decisivo na dinâmica reprodutiva do país, assim como a definição do padrão histórico de inserção internacional da economia da ilha.

Contudo, desde a introdução na ilha, há 400 anos, a cana-de-açúcar promoveu o desenvolvimento das pessoas que viviam nas distintas regiões pobres do país, e que estavam em busca de prosperidade e bem estar.

A invasão de capital norte-americano ocorreu a partir da primeira Guerra Mundial, passando a indústria açucareira para as mãos destes proprietários de 39% em 1914 à 60% em 1924 (PÉREZ-LÓPEZ, 1991).

Desde o próprio início da Revolução Cubana, se fez uma estratégia de diversificação da agricultura, tendo como um dos objetivos fundamentais a redução da dependência monocultora do açúcar. No entanto, por mais de trinta anos, esta indústria ocupou a liderança na estratégia de desenvolvimento econômico da Revolução.

A partir de 1962 e até a década de 1990, a produção açucareira registrou importantes crescimentos e os rendimentos agrícolas duplicaram, desempenhando um papel significativo na parcela de produtos agrícolas e industriais e toda uma série de medidas que estimularam os produtores da agroindústria (TWOMEY e HELWEGE, 1994).

O fim da década de 60 se caracterizou pelo esforço inversionista, para chegar à produção de 10 milhões de toneladas de açúcar em 1970, com tentativas de cobrir as demandas do ex-mercado socialista. Este volume não foi alcançado, mas se alcançou um nível recorde de produção, na escala de 8 milhões de toneladas (PÉREZ-LOPEZ, 1991).

A agroindústria açucareira teve um efeito multiplicador para a economia cubana, particularmente até 1989, quando a aliança com a URSS acabou.

Desde então, o governo tenta alavancar a produção do açúcar, para que este setor volte a gerar divisas para o país. No entanto, o mercado “fechado” e o atraso tecnológico não permite que as cifras que já tornaram este país o líder mundial em produção de açúcar sejam alcançados novamente (MESA-LAGO, 2004).

Assim, nos capítulos que seguem, será ilustrado como este mercado se estruturou: da época da colônia, aos bloqueios norte-americanos, passando pela revolução Cubana, aliança com a URSS, e sua reorientação no século XXI.

## **CAPÍTULO 1**

### **A Agroindústria antes da Revolução Cubana**

Como a maioria das colônias de exploração espanhola, Cuba teve a construção de sua economia baseada na produção agrícola monocultora visando a exportação deste produto. No caso da ilha caribenha, devido às condições de clima e solo o produto escolhido para o cultivo foi o açúcar.

#### **1.1) Construção das bases do mercado de cana-de-açúcar.**

Ao final do século XVI, foram introduzidas em Cuba, as primeiras plantas de cana-de-açúcar, que juntamente com ótimas condições de clima e solo encontraram maneiras perfeitas para seu cultivo através da mão-de-obra de escravos negros.

Em 1740, e durante os 20 anos seguintes, os ingleses monopolizaram os modos de produção e exportação de cana na ilha caribenha. Somente em 1778 se permitiu a venda do produto para os Estados Unidos, e como resultado desta “abertura” se obteve uma elevada inversão de capital estrangeiro.

Ao findar do século XVIII esta indústria se destacava como a principal da ilha, e com a Guerra de França e Espanha contra Inglaterra no início do século XIX surge a beterraba como forte competidora do produto, pois os EUA param de importar o açúcar vindo de Cuba. Em 1808, com a resistência espanhola, houve a retirada do exército napoleônico, verifica-se melhora na produção do açúcar e se restabelece a volta da liberdade de comércio em 1818, juntamente com elevados números de escravos trabalhadores e melhoria da tecnologia açucareira, permitindo uma paridade na concorrência do açúcar local com o obtido no estrangeiro através do cultivo de beterraba.

Anos depois, entram na ilha a máquina à vapor e as ferrovias, impulsionando fortemente o setor, e em 1830 o país era responsável por 13% da produção mundial do açúcar (dados retirados de IAA, 1972:16).

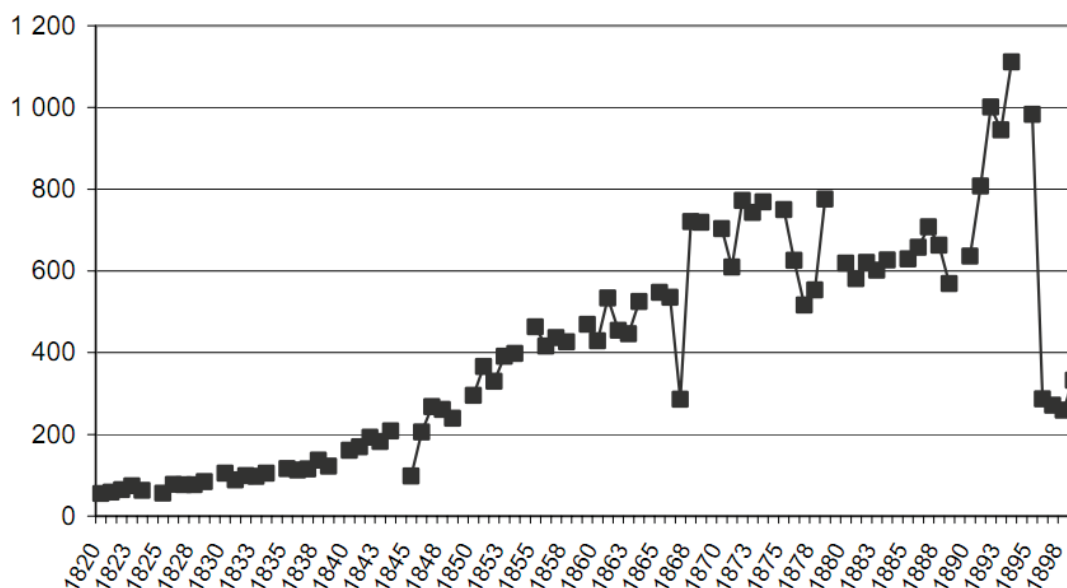
**TABELA 1: COMÉRCIO INTERNACIONAL DO AÇÚCAR EM 1760 E PRODUÇÃO AÇUCAREIRA MUNDIAL EM 1840**

Zonas Produtoras	1760		1840	
	Toneladas	%	Toneladas	%
Colônias francesas	80.646	30,3	84.414	13,1
Colônias inglesas	70.593	34,4	160.046	24,8
Brasil	34.000	16,6	82.000	12,7
Colônias holandesas	10.070	4,9	64.256	10
Cuba	5.550	2,7	150.603	23,4
Colônias dinamarquesas	4.535	2,2	9.000	1,4
Estados Unidos	--	--	51.712	8
França (açúcar de beterraba)	--	--	30.536	4,7
Alemanha (açúcar de beterraba)	--	--	11.688	1,8
Total	205.344	100	644.255	100

Fonte: O Engenho: complexo econômico-social cubano do açúcar(Fraginals,1988).

A partir de 1860, se percebe um aumento no número dos grandes engenhos, e desaparecimento dos de menor porte. Isso devido à decadência e depois abolição da mão-de-obra escrava em 1880; neste mesmo ano Cuba foi responsável por 28% da produção mundial do açúcar (dados retirados de IAA, 1972:16).

**GRÁFICO 1: PRODUÇÃO DE AÇÚCAR EM CUBA DE 1820 À 1898 (MIL/TON)**



Fonte: García Molina, Jesús M., *La Economía cubana desde el siglo XVI al XX: del colonialismo al socialismo con mercado, Unidad del desarrollo económico*, CEPAL, 2005, México.

Com o fim da Guerra dos Dez Anos, Cuba passou a produzir, em 1892, mais de um milhão de toneladas de cana, fato até então, inédito. Mas com o início da guerra de independência em 1895 os níveis de produção caem drasticamente. Com o fim desta guerra, os EUA se aproveitam da fragilidade da economia e por consequência, dos baixos preços das terras, para fazer inversões e investimentos no promissor setor açucareiro.

Em 1903, o Tratado Comercial de Reciprocidade, reduziu as tarifas norte-americanas para o açúcar cubano, e assegurou uma situação confortável de consumo dos bens dos EUA na ilha. Neste ano, do total das inversões norte-americanas feitas em Cuba, 23,1% eram para o setor açucareiro; em 1928, essa porcentagem passou para 53,2%. Este tratado era como um acordo de livre comércio, o que provocaria a especialização de cada país em função de sua produção. O que deveria desenvolver a economia da ilha, fez com que ela invertesse todos os seus investimentos na produção de seu bem já conhecido, o açúcar, na mesma medida em que aumentou a dependência e compra de centenas de produtos norte-americanos. Além disso, os preços dos produtos a serem comprados por Cuba tinham seus preços formados dentro dos EUA, estando inertes às flutuações de mercado, enquanto o preço do açúcar era formado no mercado

internacional, sendo mais volátil, principalmente devido aos níveis de estoque que outros países produziam principalmente para seu consumo interno. Para atender a estas flutuações de preço e demandas externas, os donos de propriedades açucareiras, mantinham elevados números de terra, que tendia a ser subutilizada e seu rendimento negligenciado (FURTADO, 1976).

## **1.2) A dependência com o setor externo e as consequências de suas flutuações.**

Em 1914, tem início a Primeira Guerra Mundial, e uma ótima oportunidade de expansão do açúcar de Cuba. A elevada demanda pela cana fez com que os produtores dedicassem grandes latifúndios ao plantio de cana, caracterizando o setor agropecuário cubano como monocultor com sua produção voltada quase que totalmente ao setor externo, aumentando a produção e tornando Cuba o maior produtor mundial de açúcar, cabe destacar que a produção média das “*centrales*” em 1930 chegou a 29.114 t (LÓPEZ, 1982:84).

No entanto, com a crise de 1929, a situação econômica de Cuba ficou bem delicada. A elevada dependência dos EUA, que pararam de comprar seu açúcar, a queda nos preços deste produto, a falta de um sistema monetário autônomo, fizeram com que a renda mínima despencasse, e por consequência houve a paralisia de grande parte das atividades econômicas do país. Além da vulnerabilidade da economia, Cuba não possuía renda *per capita* ou mercado interno capaz de gerar um sistema de substituições das importações antes feitas dos EUA, além do mais a ausência de sistema monetário autônomo e sistema bancário controlado no exterior impossibilitava que a substituição dos importados se desse através de controle de inflação e câmbio. (FURTADO, 1976).

Com este cenário desfavorável devido à onda de protecionismo surgida na crise dos EUA, que reduziu as importações de açúcar cubano, e privilegiou a produção interna, inclusive comprando de Porto Rico e Havaí, se promulgou a lei Costingan-Jones (1934), que fixou para os EUA uma garantia de compra de 28% da produção cubana, bem inferior aos números alcançados em outros anos, criando uma dependência de fixação de preços com o mercado interno norte-americano. Neste mesmo ano, foram concedidos à Cuba benefícios do *New Deal*, e o governo da ilha assinou um acordo de desarmamento tarifário, aumentando as preferências por produtos importados dos EUA, isto é, os produtos norte-americanos podiam entrar em Cuba com impostos muito

baixos, barrando a possibilidade de nascer uma indústria nacional competitiva com os produtos importados de outros países. Além destes produtos adquiridos no exterior, a ilha também carecia de recursos energéticos convencionais (petróleo, carvão, energia hidroelétrica, etc), resultando em vultosas importações de combustíveis e lubrificantes. Com o passar dos anos a estagnação do setor açucareiro levou a níveis de subutilização da mão-de-obra, recursos da terra e capital. Estes recursos e capitais não poderiam ser utilizados em Cuba devido à forte concorrência das importações dos produtos estadunidenses. Assim, a economia cubana depende de bens que consiga comprar através de recursos oriundos das exportações agropecuárias (FURTADO, 1976).

BENJAMIN, COLLINS E SCOTT, 1986 afirmam que “...em um memorando de 1934, o Secretário de Estado dos Estados Unidos, Cordell Hull, sustentava que a política estadunidense deveria esmorecer ativamente a atividade agrícola de Cuba, para que este país seguisse sendo um mercado favorável para os alimentos e matérias-primas estadunidenses”.

### **1.3) As medidas econômicas para recuperação do setor Açucareiro.**

Em 1939, os capitalistas cubanos começam a recuperar, mesmo que gradualmente, a indústria açucareira das mãos dos estrangeiros, pois o Estado com as medidas de se fortalecer retomou a orientação do setor exportador, investindo nos setores agropecuários e manufatureiros, a fim de substituir as importações. Estas medidas de fortalecimento do Poder Público para financiar os investimentos do setor privado se fizeram a partir do aumento da dívida pública, e declínio das reservas de ouro e divisas.

Paralelamente à este movimento de recuperação do mercado açucareiro, outros produtos eram pouco cultivados na ilha, tais como: café, tabaco, pecuária, mas nenhum deles tem importância quando comparados aos números da produção canavieira. A importância que a agroindústria tinha, é que outros ramos completos da indústria têm como base a agricultura para seu desenvolvimento, além da indústria açucareira, outras indústrias baseavam-se na agroindústria. São elas: láctea, carne, conservas alimentícias, couro e calçados, tabaco e cigarros, etc. Assim, pode-se dizer seguramente que a produção industrial deste país esta diretamente ligada ao volume da produção agrícola, e varia de acordo com as oscilações desta (ARANDA, 1968).

Desta forma, para evitar que prejuízos econômicos através da decadência do setor agrícola continuassem a impactar diretamente a economia da ilha, o Estado, após a Segunda Guerra, tenta medidas para tornar-se mais autônomo. Estas medidas se caracterizam principalmente no âmbito monetário: se criou o Banco Nacional de Cuba, além de outras instituições que visavam maior desenvolvimento econômico da ilha. Em 1952, o Banco nacional passou a intervir na comercialização do açúcar, retirando do mercado estoques excedentes e não vendáveis. O objetivo desta medida foi reduzir o impacto do preço nas flutuações da safra, para que este não refletisse no mercado internacional, e também para que minimizasse as flutuações da renda do setor exportador na economia nacional, e não afetar de forma drástica a balança comercial (ARANDA, 1968).

Com estas medidas, e inicial recuperação do setor na década de 50 a extensão da superfície plantada oscilava em torno de das 100.000 *caballerías* (aproximadamente 1.400.000 ha), ou seja, 1/8 da superfície total da ilha (CHARADAN, 1982).

O país praticamente vivia do açúcar: anos antes do triunfo da revolução, foi alcançado o número de 578,9 milhões de dólares, como ilustra o quadro abaixo:

**TABELA 2: VALOR ESTIMADO DA PRODUÇÃO (1957-1958)**

Ano	Açúcar	Xaropes/ melaço enriquecidos	Melaço final	Total da safra (milhões de dólares)
1957	653,7	3,6	28,2	685,5
1958	541,5	14,3	23,1	578,9

FONTE: Aranda, Sérgio: *La revolución Agraria em Cuba*; México; 1968

Ao atingir o posto de maior produtor mundial em 1958, com um controle de 62,1% da produção mundial do açúcar, Cuba tinha 162 centros açucareiros. Cada um destes centros era composto por uma fábrica de tamanho relativamente grande, dotada de uma extensa rede ferroviária com seus próprios equipamentos de transporte, que asseguravam o traslado da cana do centro açucareiro, até o centro comercial. A rede ferroviária total era impressionante devido à sua magnitude. Tinha 9.558 km de malha ferroviária, 778 locomotivas e 30.930 carros de transporte. A indústria empregou 70.000 pessoas diretamente neste mesmo ano, e estas pessoas são em sua maioria trabalhadores

qualificados, técnicos ou profissionais com educação universitária. Em 1958 se calculava que em todo conjunto da atividade açucareira trabalharam para a safra deste ano 471.000 trabalhadores. (CHARADAN, 1982).

**TABELA 3: EXPORTAÇÕES DE CUBA 1957-1960 (MILHÕES DE PESOS)**

Produto	1957	1958	1960
TOTAL	680	699	650
Açúcar e subprodutos	522	546	543
Tabaco	52	55	49
Café	11	7	5
Minerais	43	33	23
Outros	52	58	30

FONTE: Aranda, Sérgio: *La revolución Agraria em Cuba*; México; 1968

O fato que fez com que o país neste ano (1958) fosse o principal produtor de açúcar está condicionado não só as características climáticas e de solo, mas também pelo conjunto de anos de conhecimento da base material, técnica e organizacional de todos os aspectos relativos à esta atividade (ARANDA, 1968).

No entanto, a problemática desta economia altamente dependente da agroindústria esta inserida na mesma proporção dos outros mercados capitalistas: a burguesia cubana havia obrigado o destino da economia nacional, resultando em um sacrifício do desenvolvimento da indústria às condições de subutilização. Pouco antes de triunfar a revolução, o mercado mudou suas expectativas: apesar da agressão dos EUA na intenção de acabar com a Revolução, que fechou à Cuba seu mercado, a abertura do mercado socialista compensou esta “agressão”.

Dado cenário acima mostrando a dependência da economia com a agricultura havia uma atenção especial com este setor para que ele se tornasse a ligação estratégica através de seu desenvolvimento para alavancar outros setores. Eram evidentes as possibilidades de se aumentar as quantidades produzidas em um curto – médio prazo. As terras cultiváveis não utilizadas somavam mais de 100.000 *caballerías*, e a população de desempregados parciais era de 370.000. A possibilidade de expansão deste setor estava na substituição dos alimentos importados pelos que seriam então

produzidos. Os alimentos importados (arroz, hortaliças, aves, ovos, suínos, etc) somavam 200 milhões de dólares anuais. Para que esta cifra se convertesse em saldos de produção nacional, bastava que a parcela populacional desempregada rural tivesse oportunidade de começar a trabalhar nestas terras “vazias” (ARANDA, 1968).

Assim, observa-se que há mais de 100 anos a economia cubana gira em torno da produção açucareira. A produção de açúcar foi a pilastra para o desenvolvimento de Cuba colonial, e posteriormente seguiu sendo na etapa da República. No entanto, devido aos interesses norte-americanos Cuba se viu obrigada a um crescimento unilateral e deformado de sua economia em função dos interesses e monopólios dos EUA. Estes de acordo com as estruturas dos recursos naturais de Cuba e de sua condição de ser o país tropical mais próximo geograficamente dos Estados Unidos determinaram sua especialização na produção açucareira (MOLINA, 2005).

#### **1.4) PEA, setor privado, a distribuição de propriedade e condições de vida dos agricultores antes da Revolução**

A importância do setor agrícola, também se dá, obviamente no número de pessoas empregadas.

**TABELA 4: POPULAÇÃO ATIVA CLASSIFICADA POR RAMOS DE ATIVIDADE ECONÔMICA\***

Setor	1953		1958		1960	
		%		%		%
TOTAL	1972	100	2198	100	2270	100
Agricultura	819	42	813	37	862	38
Indústria e						
minerais	337	17	379	17	412	18
Construção	65	3	83	4	72	3
Transporte	96	5	81	4	87	4
Comércio	323	12	284	13	265	12
Serviços e	423	21	558	25	573	25

## Outros

FONTE: Aranda, Sérgio: *La revolución Agraria em Cuba*; México; 1968

\*Pessoas maiores de 14 anos de idade que estão trabalhando e familiares que trabalham sem remuneração; inclui desempregados. Ou seja, mostra a PEA pertencente à cada setor.

O quadro mostra que a PEA inserida na agricultura é o dobro da que esta na indústria e minerais, e é quase a soma total das pessoas inseridas nos outros setores (indústria, construção, transporte, comércio, serviços e outros).

Outro agravante da importância da agricultura na economia da ilha, mais especificamente da indústria açucareira é a parcela populacional desempregada nos períodos compreendidos na entre-safra da cana, como ilustra o quadro abaixo.

**TABELA 5: VARIAÇÃO SAZONAL DE DESEMPREGO (maio/1956 – abril/1957)**

Períodos	Milhares de Desempregados	% da força de trabalho
Maio - Junho	435	18,1
Agosto - Outubro	457	19,1
Nov - Janeiro	353	14,6
Fevereiro- Abril	200	8,3
MÉDIA	361	16,4

FONTE: Aranda, Sérgio: *La revolución Agraria em Cuba*; México; 1968

O período de mínimo desemprego está compreendido entre Fevereiro – Abril, período de safra açucareira, e alcançava seu auge (457.000) no período de “tempo morto”. Assim, a agricultura que antes era o motor da economia, acaba por tornar-se também um freio para seu desenvolvimento, visto a elevada dependência da economia para com este setor. Isso se dá, basicamente pelo sistema de propriedade vigente, pelas técnicas de produção empregadas e pelas relações de produção em vigor que envolviam a estagnação da produção agrícola. É evidente que uma parcela importante da população esta marginalizada no mercado interno, barrando assim o crescimento das demais atividades econômicas (ARANDA 1968).

Este fato se reforça quando se analisa a relação de propriedade poucos anos antes da Revolução cubana:

**TABELA 6: DISTRIBUIÇÃO DE PROPRIEDADE AGRÍCOLA EM CUBA - 1945**

Hectares	Nº de Fazendas	% do total	Área Total		tamanho médio
			Hectares	% do total	
até 4,9	32.195,00	20,13	86.033,00	0,95	2,67
5 a 9,9	30.305,00	18,95	210.706,00	2,32	6,95
10 a 24,9	48.778,00	30,49	725.071,00	8,74	14,86
25 a 49,9	23.901,00	14,94	789.715,00	8,70	33,04
50 a 99,9	12.010,00	7,51	818.329,00	9,02	68,14
Subtotal	147.189,00	92,02	2.629.854,00	28,97	17,87
Mais de 100	12.769,00	7,98	6.447.232,00	71,03	504,91
Total	159.958,00	100,00	9.077.086,00	100,00	

Fonte: Aranda, Sérgio: *La revolución Agraria em Cuba*; México; 1968

O quadro ilustra o cenário 14 anos antes do triunfo da Revolução, mostrando que as fazendas (propriedades particulares) somavam 159.958 unidades, ocupando a área de 9.077.086 hectares. A relação de concentração de terras se apresenta como na maioria dos países latino-americanos da época. Das 147.189 fazendas, 92% do total, ocupavam 2.630.000 de hectares, ou seja, 29% da área total de fazendas; e os outros 8% eram constituídos por propriedades maiores, possuindo 71% da terra.

Além disso, se observa que do total de fazendas menores que 100 hectares, mais de 111.000 delas não alcançavam os 25 hectares, ocupando uma área de 11,3% da superfície nacional de fazendas e constituindo 69,7% deste total (HOHFELDT, 1987).

Dada concentração de terras, e o baixo nível técnico da agricultura, é evidente uma pobre produtividade do esforço humano, somados com as técnicas rudimentares de cultivo, se compreende que em grande parte das fazendas exploradas há escassez de recursos, ocasionando uma situação de miséria para a maior parte da população rural, com exceção das grandes propriedades latifundiárias, e excepcionalmente, em zonas

muito particulares do país. Esta péssima condição da população rural não se dá somente pelo baixo nível de tecnologias empregadas no campo, mas também a estrutura da sociedade caminhava para a exploração dos campestres e do trabalhador agrícola (arrendamento, juros e preços) (TWOMEY E HELWEG, 1994).

O atraso técnico, a dispersão das fazendas, a escassez de vias de comunicação, a tradição e a situação geral da pobreza, fazem com que a população do campo dedique parte de seu tempo e terras ao cultivo e produção de subsistência (milho, raízes, aves, leite, gado, etc.). Esta é uma característica de unidades agrícolas pequenas e médias: a falta de especialização.

Esta falta de mecanização obriga os campestres a ir intercalando cultivos no decorrer do ano, de maneira a adequar o trabalho a ser realizado em cada período, com a força de trabalho disponível. A ausência de maquinários que minimizem o tempo gasto na produção é um fator determinante que conspira contra a especialização. Este cenário se prova através do Censo de 1945, que mostrou que havia 109.622 fazendas cujo valor bruto de produção anual não excedia 1.500 pesos, ou seja, a diversidade e falta de especialização de cultivo era para suprir as necessidades familiares mais urgentes (TWOMEY E HELWEG, 1994).

Em 1956 a *Agrupación Católica Universitaria*, mostrou que 4% da população do campo consumia habitualmente carne; 2,1% comia ovos; 3,4% comiam pão; e 11,29% consumiam leite regularmente. As condições sanitárias e médicas eram deploráveis: a mortalidade infantil ultrapassava 60 em 1000 crianças menores de 1 ano. Os trabalhadores viviam em *bohíos* (palhoças feitas de folhas de palmeira), sem água, luz e esgoto encanado. Somando a estes números, 40% da população rural era analfabeta. Além destes números a ACU mostrou que 54,6% das famílias tiveram ingressos anuais inferiores a 500 pesos; 42% tiveram ingressos entre \$500,00 e \$1.000,00; e 7,2% tiveram ingressos acima \$1.000,00, mas inferiores a \$1.200,00. Além disso, cada fazenda tinha poucos produtos destinados ao comércio, para que estes gerassem divisas para a compra de produtos industriais para a produção agrícola e produtos alimentícios que não eram capazes de produzir em suas fazendas (RODRÍGUEZ, 1987).

Furtado afirma que,

“Em Cuba, onde a evolução política vinha se realizando no sentido de consolidação de um estado nacional soberano, as diretrizes adotadas no começo dos anos trinta levariam, necessariamente, a um impasse no plano econômico. O setor exportador, do qual dependiam todas as demais atividades econômicas, permaneceu estacionário entre o decênio dos anos vinte

e dos anos cinquenta, enquanto a população do país duplicava. A economia tendeu a adaptar-se às condições de permanente subemprego da mão-de-obra existente no país. Parte dos recursos de capital formados no país tenderam a emigrar, sendo extremamente baixa a taxa de investimento da economia do país. Parte dos recursos disponíveis orientou-se para a aquisição de terras que eram transformadas em latifúndios pecuários de baixíssima produtividade. Desta forma, Cuba configurou-se como uma economia que mantinha de forma permanente um elevado coeficiente de desemprego, que exportava capitais e subutilizava as terras agrícolas.” (Furtado, C.; p.319)

Assim, se conclui que no findar da década de 50, Cuba chegava à uma situação crítica: ou o governo recuava para constituir suas reservas de câmbio, aumentando os níveis de desemprego; ou seguia com acordos de reciprocidade submetendo a economia aos EUA, em condições que só tendiam a aumentar a distancia entre as populações dos dois países (TWOMEY E HELWEG, 1994).

## **CAPÍTULO 2**

### **A Revolução Cubana e as mudanças na Agroindústria**

A Revolução cubana deve ser entendida a princípio como um ato de libertação contra os EUA, no momento em que a demarcação de zonas de influência entre aliados dos países do bloco socialista (liderados pela URSS) versus os de economia capitalista (liderados por Estados Unidos) estava em um momento crítico. A velocidade dos fatos ocorreu pelas sanções econômicas norte-americanas, e apoio do bloco dos países socialistas à Cuba, assim, as circunstâncias internacionais viriam a desempenhar um papel decisivo no rumo que a Revolução iria tomar (TWOMEY E HELWEG, 1994).

A Revolução pode ser dividida em 2 momentos: o primeiro que visava uma maior equidade na distribuição de renda e mudança no estruturalismo de poder; e o segundo momento, marcado pelos esforços de reconstrução econômica do país (ARANDA, 1968).

Inicialmente, a política econômica adotada em 1950-60 introduziu mudanças importantes nas relações de propriedade, devido às nacionalizações nos principais meios de produção de Cuba. O governo começou a ter um papel de destaque frente aos meios de produção e atribuição de recursos. Antes do “Triunfo da Revolução” em 1959 como é chamado pelos Cubanos o período após a tomada do poder por Fidel Castro frente ao governo de Fulgêncio Batista, a agricultura cubana era caracterizada, principalmente

pela forte presença de capital estrangeiro, elevado número de oligarquias e concentração de propriedades, já que 9% da população detinham 73,3% das terras cultiváveis (FUNES, F.; GARCÍA, L.; BOURQUE, M.; PÉREZ, N.; TOSSET, 2001.).

As exportações feitas pela ilha eram principalmente de produtos primários, com destaque para o setor açucareiro, detentor de uma parcela de 75% do número total de exportações. Neste setor ocorreram importantes mudanças estruturais desde a revolução. Ainda que a agricultura siga desempenhando um papel importante na economia cubana com destaque para o açúcar, as características do setor mudaram consideravelmente desde a revolução (TWOMEY E HELWEG, 1994).

## **2.1) Medidas Iniciais da Revolução**

A primeira medida tomada após a Revolução foi a Reforma Agrária, e nela configura-se um dos aspectos mais importantes desta época: a impossibilidade de reconcentração de terras após sua partilha. A lei tolerava a propriedade com tamanho médio de 5 a 30 *caballerías*, ou seja, permitia propriedades de no máximo 402 hectares, e as demais terras foram expropriadas; se e a terra estava arrendada ou dividida, os arrendatários os meeiros receberam lotes de 5 *caballerías* (67 hectares); se combateu os latifúndios, que por sua vez, eram pertencentes à grande finança norte-americana, passando-os à cooperativas ou granjas do Estado (TWOMEY E HELWEG, 1994).

Com essa medida, os EUA começaram cada vez mais a tentar impedir o crescimento econômico de Cuba, através de restrições às importações de produtos vindos do país. Em resposta a esse “bloqueio”, o governo cubano tomou medidas ainda mais anti-imperialistas, nacionalizando as outras propriedades e empresas norte-americanas.

Em 1961, a política econômica estabelecida visava uma industrialização rápida e diversidade agrária, com um grande preconceito contra a indústria canavieira, pois devido ao embargo econômico que o país sofreu por parte dos EUA buscava-se a substituição das importações, e por consequência o fortalecimento do produto interno, e equilíbrio na balança de pagamentos (LARA, 1999).

Esses desequilíbrios macroeconômicos internacionais acarretaram em um déficit de 322 milhões de *pesos*, com diminuição de 10,4% das exportações e aumento de 49,5% das importações. Nesse contexto, surge a aproximação da URSS, que se dá, principalmente devido à agressividade dos EUA com Cuba desde a origem da

Revolução. Em um primeiro momento, a URSS fornecia petróleo à Cuba e concedia créditos para a compra de equipamentos, consolidando o movimento revolucionário (FUNES, F.; GARCÍA, L.; BOURQUE, M.; PÉREZ, N.; TOSSET, 2001.).

Em 1963, promulgou-se a segunda Lei de Reforma Agrária, e basicamente fez com que fosse eliminada a renda da terra, que antes pagava aproximadamente cerca de 100 mil pequenos plantadores, passando-a para o Estado, representado pelo Instituto Nacional da Reforma Agrária: INRA, que representava 11,4 milhões de hectares distribuídos em 1.500 unidades autônomas. Os pequenos agricultores independentes foram inseridos na Associação Nacional de Agricultores (ANA), e possuíam 7,2 milhões de hectares (FUNES, F.; GARCÍA, L.; BOURQUE, M.; PÉREZ, N.; TOSSET, 2001.).

**TABELA 7: RESUMO NACIONAL DE UNIDADES AGRÍCOLAS DE EXPLORAÇÃO DO SETOR PRIVADO EM AGOSTO DE 1961**

Tamanho	Número	Superfície
		Total ( <i>Caballerías</i> )
Até 5 <i>caballerías</i>	154.703	174.971
5-10 <i>caballerías</i>	6.062	45.270
10-20 <i>caballerías</i>	3.105	45.478
20-30 <i>caballerías</i>	1.456	27.820
Mais 30 <i>caballerías</i>	592	28.126

FONTE: Aranda, Sérgio: *La revolución Agraria em Cuba*; México; 1968

Fidel Castro, no I Congreso Campesino de fevereiro de 1959 disse “...para manter o consumo, para manter a riqueza, para fazer a Reforma Agrária, não é possível repartir a terra em um milhão de pedacinhos... deve-se instalar cooperativas nos lugares que sejam propícios a este tipo de produção e fazer um cultivo planejado dos terrenos.” (CASTRO, 1959).

Ao momento de se criar em 1963 as *Agrupaciones Agropecuarias* como forma de organização empresarial estatal, existiam cerca de 272 *Granjas del Pueblo* (Granjas do povo), 613 *cooperativas cañeras* (Cooperativas canavieiras) e 669 *Granjas Administrativas* (formadas a partir de terras expropriadas), e no final de 1964, de acordo

com a nova estrutura organizacional, se constituiu 263 empresas deste novo tipo (ARANDA, 1968).

Além destes fatores iniciais da revolução, outras medidas foram tomadas visando atender as prioridades do governo de Fidel: redução dos preços de aluguéis em 50%, aumento dos salários, aumento dos gastos do governo, principalmente em saúde, educação e habitação, resultando em uma transferência de renda em 15% dos trabalhadores “proprietários” para a massa trabalhadora, e indiretamente a transferência de renda para o Estado, visando o aumento da taxa de capitalização e esboçando a ideologia socialista clássica e de espírito distributivista.

Esta reorientação, principalmente no âmbito de distribuição de renda, se deu devido aos dirigentes das políticas econômicas de Cuba. Eles acreditavam que a capacidade produtiva ociosa poderia tornar-se ativa, a partir de um rápido crescimento do produto deixando a Balança de Pagamentos deficiente. Esta deficiência seria regulada com um controle efetivo do setor externo da economia, e faria com que o Estado colocasse sobre outras bases as relações econômicas do país com os EUA, com efeito do excesso de capacidade produtiva ociosa do país no setor industrial. Prova destas medidas, é que dois anos subsequentes à Revolução, o PIB cresceu de modo a absorver o aumento da demanda monetária causada pelo crescimento nos níveis de salários (TWOMEY E HELWEG, 1994).

No período compreendido entre 1964 e 1967, se observa uma retomada do crescimento do PIB, o que transforma os rendimentos obtidos através das exportações agrícolas como o pilar do desenvolvimento da economia, pois esse “sucesso” do setor impulsionou outros: formaram-se indústrias de equipamento agrícola, de adubos, de inseticidas, de peças de reposição, da frota pesqueira, de transformação agroalimentar, além da produção de eletricidade e de materiais de construção. Esta melhoria no setor é ilustrada a seguir (ARANDA, 1968).

## **2.2) A reorientação da Agroindústria e a mudança no foco da cana-de-açúcar.**

Como já mostrado, antes de 1959, a população da ilha carecia de itens básicos da alimentação. O governo para suprir estas necessidades, direcionou seus investimentos para os setores de alimentação de qualidade para a população, com o objetivo

secundário de diminuir a dependencia das importações destes, como mostra a tabela abaixo:

**TABELA 8: PRODUÇÃO DE ALIMENTOS BÁSICOS EM CUBA DE 1961-1987 (MIL/TONELADAS)**

	Produção Doméstica	Importações	Importações / Consumo (%)
<b>ARROZ</b>			
1961-65	152	228	60
1966-70	154	173	52
1971-75	374	246	40
1976-80	425	171	29
1981-85	516	207	29
1986-87	521	195	27
<b>FEIJÃO</b>			
1961-65	29	56	66
1966-70	22	77	78
1971-75	24	92	80
1976-80	25	93	80
1981-85	27	116	81
1986-87	28	83	75
<b>MILHO</b>			
1961-65	140	128	48
1966-70	118	158	57
1971-75	122	252	67
1976-80	95	397	81
1981-85	95	425	82
1986-87	95	440	82
<b>LEITE</b>			
1961-65	162	285	38
1966-70	526	386	42
1971-75	545	492	47
1976-80	1128	455	29

	1981-85	1116	397	26
	1986-87	1114	414	27
<b>AVES</b>				
	1974-75	35	14	29
	1976-80	70	17	20
	1981-85	95	22	19
	1986-87	93	20	18
<b>PRODUTOS DE CARNE</b>				
	1961-65	245	6	2
	1966-70	240	20	8
	1971-75	226	32	12
	1976-80	203	30	13
	1981-85	226	43	16
	1986-87	240	35	13

Fonte: Pérez-López, Jorge F.; *The economics of Cuban Sugar*; p. 209; 1991; EUA.

### 2.2.1) Gado

Para aumentar o consumo de leite da população, importou-se 20 mil vacas leiteiras e touros de elevada qualidade racial, além de criar infra-estrutura adequada e investimentos em escolas de inseminação, e melhorar a qualidade dos pastos. O setor privado dedicou-se ao gado para abate e posterior venda da carne ao Estado. A tabela abaixo ilustra este incremento no número de cabeças de gado (GONZÁLEZ E MIRANDA, 1984).

#### **QANTIDADE DE CABEÇAS DE GADO (mil)**

		Quantidade		Quantidade	
	ago/61	(%)	dez/65	(%)	
Total					
nacional	5.776	100	6.700	100	
			3.8		
Setor estatal	1.400	24	44	57	

Setor				
privado	4.376	76	2.856	43

Fonte: González y Miranda, 1984

Como resultado deste foco do governo, a produção de leite apresentou aumentos significativos entre os anos 1963 a 1983, e a partir de 1984 se observa uma ligeira queda no número de vacas de ordenho, mas aumento na produtividade do leite.

**TABELA 9: PRODUÇÃO DE LEITE (MM litros/ano)**

<b>1963</b>	375.9	<b>1973</b>	496.9	<b>1983</b>	920.4
<b>1964</b>	437.8	<b>1974</b>	533.7	<b>1984</b>	917.8
<b>1965</b>	395.8	<b>1975</b>	574.2	<b>1985</b>	901.8
<b>1966</b>	462.1	<b>1976</b>	662.5	<b>1986</b>	899.5
<b>1967</b>	455.3	<b>1977</b>	700.6	<b>1987</b>	912.5
<b>1968</b>	366.3	<b>1978</b>	759.1	<b>1988</b>	891.9
<b>1969</b>	366.8	<b>1979</b>	767.7	<b>1989</b>	897.8
<b>1970</b>	368.4	<b>1980</b>	862.8	<b>1990</b>	793.4
<b>1971</b>	373.4	<b>1981</b>	898.9		
<b>1972</b>	462.5	<b>1982</b>	901.2		

Fonte: García y Fernández, 1990.

### 2.2.2) Suínos

No setor de suínos, o Governo importou 30 mil porcos do Canadá para garantir uma sólida base genética e em 1968 começa o desenvolvimento da produção suína no programa de desenvolvimento governamental (GONZÁLEZ E MIRANDA, 1984).

**TABELA 10: INDICADORES DE EFICIÊNCIA DE PRODUÇÃO SUÍNA**

Anos	Mortes (mil/cabe- ças)	Mortalida- de das crias (%)	Peso médio (Kg)	Alimentos Consumidos (Mt)		
				Quantida- de líquida de carne	Carne destina- da à popula-	Quantida- de Total

ção						
1985	100.5	7.1	89.0	295.0	193.3	874,0
1986	103.7	7.6	86.3	313.2	151.5	952,3
1987	119.5	8.3	85.8	341.9	181.6	1.015,10
1988	132.3	8.9	86.3	361.1	209.1	1.082,80
1989	160.0	9.4	85.1	397.5	226.5	1.200,00

Fonte: C.E.E. 1989

A produção suína apresentou importantes avanços: 102,4 milhões de toneladas entregues para sacrifício.

### 2.2.3) Produção Avícola

A produção avícola tem seu destaque a partir de 1963, pois para o desenvolvimento rápido do setor se importou ovos de linhas puras para reprodução e desenvolvimento das bases genéticas necessárias. Em 1964, com a criação do Combinado Avícola Nacional (CAN), a avicultura deu lugar a incrementos sustentados pela produção, desenvolvendo-se o ovo como a linha mais importante dentro deste setor. A tabela abaixo mostra este movimento.

**TABELA 11: DINÂMICA DA PRODUÇÃO AVÍCOLA**

Ano	Frango de corte	Frango de chocadeiras	Índice de nascimento de frangos	Produção de ovos	Entregues ao abate	kg/ 10ovos	kg/ carne	Engorda de corte
1962	5.222	640	X	179	x	x	x	x
1965	x	x	209	915	x	2	x	x
1967	2.505	5.707	196	1 667	24	2	x	94.4
1970	1.121	7.066	197	1 426	20	2	3	91
1975	4.488	7.028	235	1.851	56	2	3	94
1980	7.819	8.658	246	2.326	90	2	3	94
1985	9.469	8.476	249	2.523	113	2	3	95
1986	9.541	9.033	246	2.519	113	2	3	94

1987	8.945	9.088	245	2.495	109	2	3	93
1988	9.700	9.005	236	2.460	114	2	3	93
1989	x	9.917	222	2.522	117	2	3	92

Fonte: (C.E.E., 1974, 1980, 1985, 1989)

#### 2.2.4) Produção de Alimentos

A produção de alimentos manteve uma tendência crescente de 1,5 Mmt média/ano, no período 1981-1985 e 1,9 MMt no período 1986-1990. No geral, o período 1981-1990 se caracterizou pela independência de importações de matérias-primas para a produção (GARCÍA E FERNANDEZ, 1990):

**TABELA 12: PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES E PRODUÇÃO DE ALIMENTOS**

Produtos	Produção 1981-1985		Produção 1986-1990	
	Importação	Nacional	Importação	Nacional
Alimentos básicos	85	15	85	15
Proteína de origem vegetal	71	29	86	14
Proteína de origem animal	58	42	60	40
Alimentos Fosforados	88	12	93	7

Fonte: García y Fernández, 1990.

No setor de produção dos alimentos de origem vegetal, destaca-se a produção de arroz, que havia alcançado um alto grau de mecanização e possuía um nível aceitável de suprimentos de água e fertilizantes, mas não dispunha de uma tecnologia agrícola adequada. Este fato é analisado quando comparado aos produtores norte-americanos: os produtores cubanos alcançavam somente 79% do rendimento total que lucravam os produtores estadunidenses (GARCÍA E FERNANDEZ, 1990).

Depois da Revolução, ocorre o desenvolvimento da produção, porém a partir de 1964 se reduziu as áreas e conseqüentemente a produção de arroz, acentuada pela garantia de

compra do arroz da República Popular da China, mas devido à desacordos com este país, inverte-se novamente na produção do bem, mais especificamente em 1968: construiu-se barragens, sistemas de irrigação, indústrias, mecanização, aviação agrícola, fertilizantes e base genética para desenvolvimento de sementes de elevada qualidade, resultando que no início da década de 90, 50% do arroz consumido no país, tinha origem nacional (GARCÍA E FERNANDEZ, 1990).

Outros alimentos também sofreram investimentos do governo a fim de suprir as necessidades populacionais: feijão, raízes, batata, frutas tropicais e hortaliças. Quando estes alimentos não eram produzidos em porções suficientes para suprir a população, eram importados pelo governo diretamente dos países da aliança soviética (PÉREZ-LÓPEZ, 1991).

### 2.2.5) O Programa de Cítricos

Há registros da produção de cítricos desde a época da colonização espanhola, porém teve pouco desenvolvimento no período da República, isso basicamente devido às dificuldade de exportação frente à forte indústria cítrica dos EUA, além da falta de estímulo de produção deste cultivos entre outros (ARANDA, 1968).

Nos primeiros da Revolução se aumentou a produção já existente, mas não devido a um programa de incentivo específico, e sim para aumentar a quantidade de frutas e alimentos produzidos e consumidos no país. No ano de 1966 se comercializaram na rede estatal 357.100 toneladas de frutas, e as principais foram:

**TABELA 13: PRODUÇÃO DE CÍTRICOS**

	Mil/toneladas
Laranja	125.100
Toranja	13.900
Outros	
Cítricos	31.400
Abacaxi	9.700
Banana	29.000

Melancia	16.100
Mamão	66.300

Fonte: Aranda, Sergio; *La revolución Agrária em Cuba*, 1968; México

A partir de 1968, se decide que a citricultura cubana desenvolveria-se a partir do *Programa de Desarrollo Integral* (Programa de Desenvolvimento Integral), que permitiu a consolidação de 145 mil hectares dedicados à produção cítrica, ou seja, 63% a mais da área total dedicada entre 1959-89, ocasionando em 1990, em um recorde de produção com mais de um milhão de toneladas produzidas, constituindo a parcela de 3% das exportações totais do país (ARANDA, 1968).

Assim, o programa de cítricos conseguiu alcançar seu objetivo inicial, já que houve o melhoramento da dieta cubana (o consumo per capita de fruta fresca era de 18 kg, 2.1 vezes superior ao nível antes de 1959). Além de aumentar a qualidade nutricional de Cuba, o programa colaborou para o desenvolvimento de uma indústria produtora de sucos naturais e concentrados, óleos essenciais, geléias entre outros. Como resultado final, é que antes do fim do CAME (Conselho de Ajuda Mútua Econômica) a indústria citricultura cubana, pode ter seu nível de desenvolvimento e tecnologia comparada às demais internacionais (ARANDA, 1968).

### **2.3) O Programa Açucareiro**

O programa Açucareiro surgiu como uma verdadeira necessidade. O processo de desenvolvimento econômico implica em grandes quantias de recursos exteriores adicionais. Todas as projeções realizadas de crescimento econômico no país, demonstravam que a menos que o comércio exterior pudesse ampliar-se e permitir assim importações crescentes, o país teria sérias dificuldades para se desenvolver (PÉREZ-LÓPEZ, 1991).

Os estudiosos da época demonstraram que somente o açúcar seria capaz de aumentar sua produção em um prazo relativamente curto e conseqüentemente suas exportações na quantidade desejada para um desenvolvimento econômico rápido.

As vantagens que o foco econômico na produção do açúcar apresentava era:

1. O açúcar havia sido até então, e continuava a ser uma atividade remunerada a níveis de produção mundial; caracterizava-se como principal fonte de renda da burguesia nacional e sua rentabilidade se comprovava ao longo de anos de história.

2. A produção deste bem era amplamente conhecida no país. Milhares de pessoas que detiam conhecimento de tecnologia da produção industrial mesmo que insuficientes se comparados à produção agrícola de cana no mundo. Se ocorresse a mudança de foco de produção para outro bem, implicaria na mudança de tecnologia dos engenhos, além da contratação de técnicos e engenheiros altamente qualificados, que não existiam no país e cuja preparação tardaria alguns anos.

3. Os investimentos a serem feitos são relativamente mais baixos do que em outros projetos. Para viabilizar o plano açucareiro se utilizou ao máximo as instalações já existentes, sendo mais barato que a instalação de novas unidades. Parte considerável do aumento de produção do açúcar se deu através do prolongamento do período de safra, ou seja, utilizando as capacidades existentes nos engenhos, transportes e infra-estrutura, aumentando a utilização dos meios básicos (ARANDA, 1968).

Por tanto das possibilidades econômicas mais rentáveis, o açúcar parecia ser a melhor opção de foco do Estado. Assim o Governo Revolucionário objetivava como principal tarefa econômica do país a criação das capacidades necessárias na agricultura, na indústria, nos transportes e por fim em todos os ramos vinculados à produção açucareira para poder alcançar em 1970 a cifra de 10 milhões de toneladas produzidas (MOLINA, 2005).

O cumprimento desta meta implicava mudanças na então economia açucareira nacional e, muito particularmente, na esfera da agricultura: não era possível que um aumento da produção nesta dimensão pudesse ser feito nas mesmas condições que faziam com a produção do país no ano de 1960 fosse metade desta meta. Nem Cuba tem a quantidade de terras agrícolas aptas para duplicar as áreas canavieiras, nem há a possibilidade de contar com o dobro de trabalhadores para o cultivo e colheita de cana. Trata-se então de modificar toda estrutura vigente e implementar uma nova tecnologia. Logo os fatores determinantes são:

1. O aumento das áreas de cana em 335.000 hectares;
2. A elevação dos rendimentos em aproximadamente 40%;
3. A mecanização da semeadura, cultivo e colheita.

Se estes 3 pontos fossem seguidos , a risca, como uma consequência do *Plan Perspectivo Azucarero*, os resultados esperados poderiam ser alcançados nos próximos 3 ou 4 anos (ARANDA, 1968).

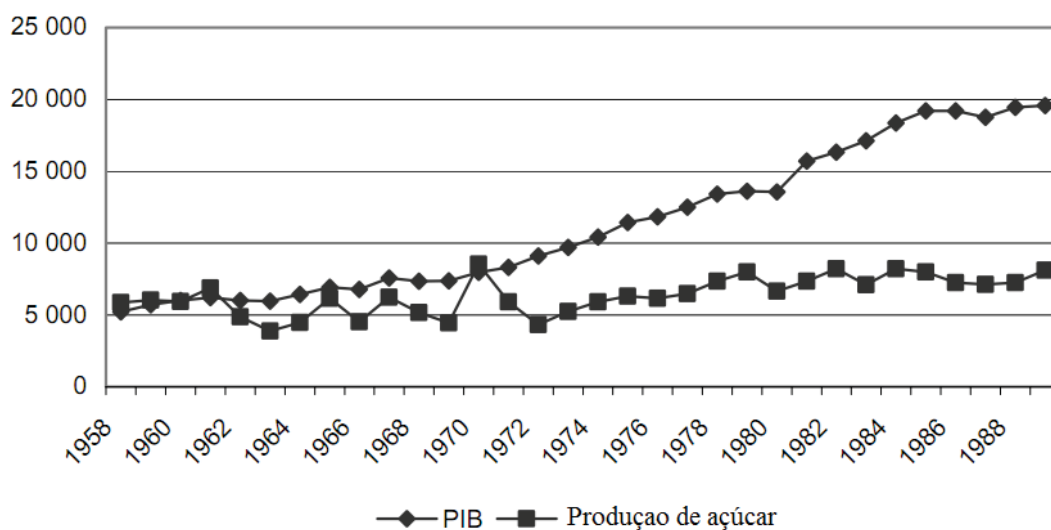
Assim a partir de 1962, Cuba investe em mecanização. Cortadores mecânicos produzidos internamente no país foram usados extensivamente na safra de 1963. Logo o plano para atingir a meta de produção recorde de cana havia começado. Até o ano de 1966 o Plano Perspectivo parecia estar indo bem. Somado à um ótimo desenvolvimento da economia nacional a partir de 1967 o governo tentou implementar mudanças nas diretrizes econômicas, entre elas: a eliminação do faturamento e dos pagamentos entre empresas, o que desestimulou os ganhos de produtividade, fazendo com que, dos 10 milhões de toneladas de cana estipulados como meta para 1970, só se produzissem 8,53 milhões de toneladas (RODRÍGUEZ, 2001).

Mesmo com esse fracasso, a estratégia açucareira não foi abandonada. Instaurou-se uma maior aproximação aos países do bloco socialista, e em 1972, Cuba entra para o chamado CAEM (Conselho de Ajuda Econômica Mútua) (PÉREZ-LÓPEZ, 1991).

As relações de Cuba com o Conselho de Ajuda Mútua Econômica eram um mecanismo de integração que contemplava um sistema de preços, créditos, algumas produções complementares e determinados compromissos com um alto grau de segurança, que permitiam, a partir disso, uma projeção estável da economia. (LARA, 1999, p. 34).

O resultado econômico desta entrada se dá com o aumento e estabilização de exportações, especialmente a do açúcar cubano para esses países no bloco inseridos, pois a URSS fixou os preços de compra do bem acima dos de mercado mundial, melhorando seus termos de troca, financiando seu desenvolvimento e estabilizando a balança de pagamentos ((PÉREZ-LÓPEZ, 1991).

**TABELA 14: CUBA: PIB e PRODUÇÃO DE AÇÚCAR DE 1958 à 1988 (MIL/TONELADAS):**



Fonte: García Molina, Jesús M., *La Economía cubana desde el siglo XVI al XX: del colonialismo al socialismo com mercado, Unidad del desarrollo económico*, CEPAL, 2005, México.

A produção global do açúcar (moreno e processado) também declinou em relação a produção nacional. Se estimou que a participação total do açúcar baixou de 12,6% do PIB em 1961 para 7,9% em 1981. Os cálculos do autor indicam que o açúcar representava cerca de 10% do valor agregado industrial em 1981. Dada que a indústria manufatureira representava 30,9% do PIB, a produção de açúcar processado ou industrial representava 3,1% do PIB em 1981. A cana-de-açúcar representava 31,1% da produção correspondente ao setor agrícola em 1981, e este último setor representava 14 % do PIB neste ano. Em outras palavras a cana-de-açúcar constituía cerca de 4,4% do PIB em 1981. Somando a cana-de-açúcar e o açúcar processado se obtém uma participação de 7,5% no PIB em 1981, uma cifra ligeiramente menor que a estimação anterior. Ainda que não tão claras, as exportações do açúcar também declinaram evidenciando uma tendência descendente (PÉREZ-LÓPEZ, 1991).

Outro fator é que entre 1980 e 1985 Cuba reduziu 25% seu consumo de energéticos por peso de produtos social bruto. Uma grande parte desta queda é atribuível a situação do petróleo pelo bagaço como única fonte de energia dos engenhos cubanos. O bagaço provê outros 10% de energia para a rede elétrica nacional. Também se apoiou a essas exportações em uma expansão muito rápida da produção cubana de petróleo que triplicou entre os anos de 1981 e 1985 (foi de 258.900 toneladas de extração de petróleo cru para 867.600 toneladas) (TWOMEY e HELWEGE, 1994).

**TABELA 15: CUBA: PRODUÇÃO DO AÇÚCAR NAS EXPORTAÇÕES  
TOTAIS A PREÇOS CONSTANTES**

	Total de exportações (milhões de pesos a preços de 1965)	de Exportações de açúcar moreno (milhões de pesos a preços de 1965)	de Participação do açúcar (a preços de 1965)	(a)	(b)
1965	690,6	583,3	84,50%	84,50%	
1970	874,6	757,9	86,70%	86,70%	
1970*	904,7*	757,9*	83,8*%	83,8*%	
1975	766,9	630,3	82,20%	82,20%	
1975*	827,0*	630,3*	76,2*%	76,2*%	
1980	777,8	677,1	87,10%	87,10%	
1980*	926,8*	677,1*	73,1*%	73,1*%	
1985	1.152,80	790,8	68,60%	74,60%	
1985*	1.338,50	790,8*	59,10%	64,3%*	

Fonte: *Modernización y estancamiento: la agricultura latinoamericana en los años noventa* (Twomey, Michael J.; Helwege, Ann. p. 291; 1994, México).

(a) Inclui todas as exportações

(b) Inclui todas as as exportações, exceto as reexportações de petróleo

\*Este cálculo utiliza as participações ponderadas no valor das exportações de 1985 para estimar o deflator dos preços das exportações.

O açúcar teve importância fundamental para o desenvolvimento do PIB nos anos que seguem, e devido à política socioeconômica do país os indicadores sociais apresentavam-se de forma crescente, prova disso é que o coeficiente de Gini era de 0,22 em 1986 (BRUNDENIUS, 1984).

De 1986 a 1989, atribuiu-se recursos ao setor exportador, mesmo que mediante uma escassez de divisas conversíveis que minou a capacidade de importação. Continuou-se dando prioridade ao setor tradicional do açúcar. Mesmo com essa ênfase no setor, o declínio do CAEM a partir da segunda metade da década de 80, dificultou a reposição de matérias-primas e bens de capital, assim como a deterioração dos termos de troca, resultando no fim desta década o final da URSS (PÉREZ-LÓPEZ, 1991).

Nesse contexto, os preços em 1989 que a URSS pagava a libra do açúcar cubano a 41,90 centavos mediante aos 45 centavos que pagava em 1985, ou seja, um declínio de 7%; em contrapartida, o comportamento dos preços mundiais era no ano de 1985 de 4,05 centavos a libra, e no ano de 1989 de 12,81 (PIÑEDA, 2001).

## **CAPÍTULO 3**

### **Consequências do fim da Aliança Socialista**

Até o momento, percebe-se que setor produtivo cubano está fortemente relacionado com sua capacidade de exportar e importar; prova disto tem-se que a composição do PIB em 1989 foi de 29% de exportações e 41% de importações de bens e serviços (MESA-LAGO, 2003).

Dentro do CAEM, Cuba se especializou na exportação de bens primários, destacando-se a produção e exportação de açúcar para esse grupo de países (em 1988-1989 63% de sua produção foi comprada pelo CAEM). Com a derrocada da URSS, obviamente a economia cubana sofreu impactos e a Agricultura, com destaque para o açúcar tinha que adaptar-se ao “novo” mercado, pois até então o açúcar que exportava era bruto, devido às suas limitações de refinamento (TWOMEY e HELWEGE, 1994).

#### **3.1) Mudanças na Agricultura e impactos na produção de cana.**

Como consequências diretas ao setor agrícola observa-se que entre 1989 e 1993 o produto da agropecuária caiu 51,9%, e sua consequência no setor açucareiro é de uma queda de 44,3%. Nesses mesmos anos as exportações caíram de P\$ 5.400 milhões para P\$ 1.136 milhões (redução de 79 %); as importações de P\$ 8.134 milhões para P\$ 2.037 milhões (redução de 75%), e a participação no comércio exterior foi de 77% (CARCANHOLO E NAKATANI, 2001).

“As exportações de açúcar caíram à metade e as importações de petróleo foram drasticamente reduzidas em 60%, provocando perversos efeitos sobre a agricultura (fertilizantes e combustíveis), indústria, transportes e energia elétrica”. (CAÑO, 2000, p. 565).

Devido à fragilidade da economia, o governo cubano tomou medidas a fim de adaptar a economia às novas circunstâncias internacionais. Trata-se de mudanças estruturais que afetam as bases produtivas e introduzem relações sociais.

As reformas tiveram início com o IV Congresso do Partido Comunista Cubano, em 1991, no qual

“... foram estabelecidas várias coisas: reabrir o mercado interno – agropecuário, industrial, artesanal em moeda nacional e mercadorias importadas e de produção nacional em moeda estrangeira; abrir a economia nacional ao capital, ao dinheiro mundial e às mercadorias, permitir a associação econômica do Estado com o capital estrangeiro; impulsionar o autofinanciamento das empresas em divisas conversíveis e permitir às empresas estatais exportar e importar diretamente; descentralizar o sistema bancário nacional, entre outras reformas.” (PIÑEDA B., 2001, p. 76).

Para o setor agropecuário, a reforma instaurada a partir de 1993 significou um modelo agrícola baseado na segurança alimentar da população devido às dificuldades de importação de alimentos. Para isto foram implementados vários programas e medidas de caráter estrutural, com vistas à melhora da produção e da qualidade dos alimentos; incremento de novas espécies; incentivo à reforma agrária; melhoria da rede de distribuição e acesso aos produtos agrícolas para a população; parceria com ONGs; criação das Unidades Básicas de Produção (UBPCs) - uma empresa agrícola mantida e gerenciada por agricultores; entrega de lotes e propriedades rurais, sob forma de usufruto, às famílias de agricultores, descentralizando a posse das mãos do Estado, apoiado por um modelo mais sustentável tanto ecológico, como economicamente; incentivo ao auto abastecimento; criação de cooperativas de agricultores; cooperativas de créditos e serviços; criação da chamada "Agricultura Urbana", entre outras medidas (PÉREZ-LÓPEZ, 1991).

Essas medidas obtiveram certo êxito, em um primeiro momento, pois um déficit em 1993 que totalizou 5 bilhões de pesos, passou-se para um déficit de 500 milhões em 1996 (CARCANHOLO E NAKATANI, 2001).

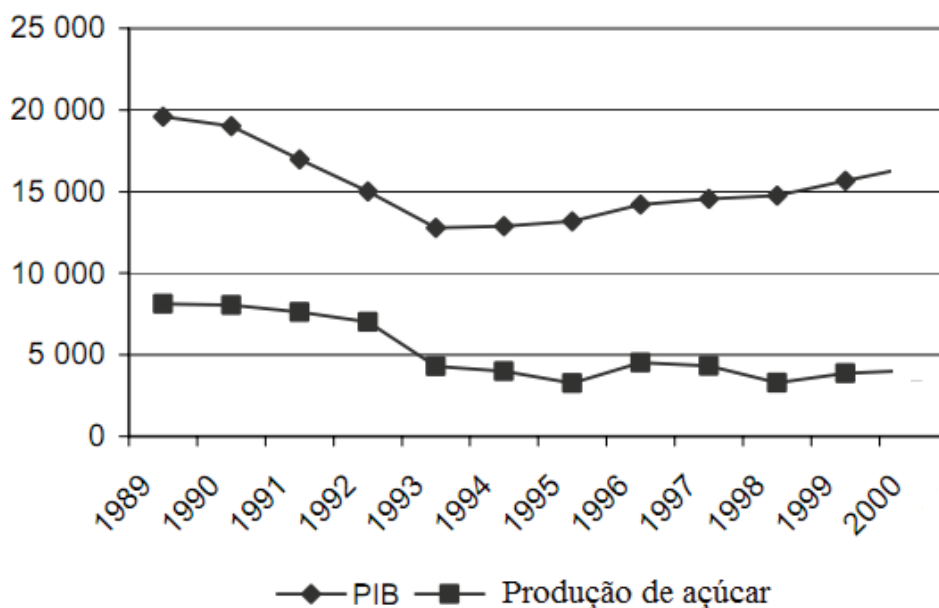
Antagonicamente ao “êxito” inicial das novas medidas, o açúcar que antes, mantinha uma forte relação com o PIB cubano, nunca mais conseguiu atingir os 8 milhões de toneladas dos anos 80 (TWOMEY e HELWEGE, 1994).

A terceira reforma agrária realizada em 1993-94 não conseguiu resolver problemas da agricultura como a ineficiência e a falta de incentivos. As novas Unidades Básicas de Produção Cooperativa (UBPC) dependem muito do Estado que, na prática, dirige a

produção e compram-na quase toda à preços estabelecidos abaixo do preço de mercado, criando assim sérios desincentivos. Em consequência, em 1997, a participação da UBPC nas terras cultivadas foi de 57,6%, mas nas vendas totais nos mercados agrícolas livres foi de 3,6%; ao contrário, a participação do setor privado foi respectivamente de 16,9% e 72,7%. Em 1995-96, 94% das UBPCs sofreram perdas e precisaram de subsídios estatais; em 1999-2000, essa proporção foi reduzida para 37%, mas ainda era muito alta. Outro problema é a crescente concentração em tamanho das UBPCs que as torna mais difíceis de administrar. As UBPC operam 74% das plantações de cana-de-açúcar, o que explica, em larga medida, o fracasso desse setor. Por fim, o total de terra agrícola cultivada diminuiu em 13% em 1990-97 (MESA-LAGO,2003).

O resultado dessas medidas, especificamente no período entre 1989 a 2000, fez com que o preço do açúcar se deteriorasse um terço (BCC, 2000); A concentração das exportações no açúcar diminuiu constantemente, de 73% para 27% do total do valor exportado.

**GRÁFICO 2: PIB E PRODUÇÃO DE AÇÚCAR DE 1989 À 2000**



Fonte: García Molina, Jesús M., *La Economía cubana desde el siglo XVI al XX: del colonialismo al socialismo com mercado, Unidad del desarrollo económico*, CEPAL,2005, México.

Para acarretar essa situação desfavorável, em 1992 a Lei Torricelli foi aprovada no contexto das eleições presidenciais americanas, na primeira eleição de Bill Clinton; e depois, em 1996, foi aprovada a Lei de Helms-Burton: a primeira lei prevê sanções

contra os países que prestem assistência à Cuba, proíbe que as subsidiárias de empresas americanas estabelecidas em outros países realizem comércio com Cuba e proíbe o ingresso por seis meses, em qualquer porto americano, de embarcações que passem por um porto cubano e a aprovação da segunda lei fortaleceu o bloqueio econômico imposto pelo país norte-americano (LARA, 1999).

Com a Lei Helms-Burton pretende-se desenhar, organizar e estruturar um bloqueio total e absoluto contra Cuba. A lei, ademais, codifica o bloqueio, quer dizer, converte em lei todas as ordens executivas e demais disposições dos diferentes departamentos da administração estadunidense contra Cuba, as quais não poderão ser modificadas ou eliminadas senão através de lei do Congresso, com a qual pretende-se eternizar a contenda entre Cuba e os Estados Unidos da América. Esta lei tem um caráter extra-territorial, estabelece sanções contra outros países por manterem determinadas relações econômicas com Cuba, assim como contra empresas e entidades que estabeleçam relações com Cuba, nas quais mediem propriedades nacionalizadas cujos donos sejam, atualmente, cidadãos americanos, ainda que não o fossem no momento da nacionalização. Entre outras coisas, a lei promove um sistema de espionagem econômica contra Cuba, na qual se acompanha toda transação econômica deste país com o exterior, a partir do qual o presidente deve apresentar periodicamente um relatório detalhado de toda atividade econômica da Ilha com o exterior (LARA, 1999, p. 59).

Obviamente, este bloqueio total bloqueio econômico frente às exportações cubanas afetou diretamente o açúcar, e em 1996/97, o governo teve que recorrer à empréstimos junto a bancos estrangeiros para financiar a colheita, mas devido à baixa produtividade, os ganhos líquidos com a safra foram menores que o empréstimo. Em 2001 houve, novamente, uma baixa colheita (MESA-LAGO, 1998; TRIANA, 2000). "A indústria açucareira passou por um estado depressivo e seu desempenho decide o ritmo e a dimensão do processo de recuperação econômica" (MARQUETTI, 2000, p.11).

Nas últimas duas décadas tem-se que: produção média anual (milhões de tonelada) só declinou: 7,8 em 1981-85, 7,6 em 1986-90, 5,2 em 1991-95, 3,9 em 1996-2000 e 3,5 em 2001 (MESA-LAGO, 2000).

A área total plantada diminuiu em 22% em 1990-99, de 1,76 para 1,38 milhões de hectares, enquanto a área irrigada diminuiu de 22% para 9% da área total plantada; A produção agrícola por hectare despencou de 60 em 1989 para 34,1 em 1999; o uso de fertilizantes químicos diminuiu e parte foi substituída por fertilizantes naturais; reduziu o número de cortadores de cana em operação e a capacidade dos centros de limpeza de cana-de-açúcar (CCE, 1991; ONE, 1999, 2000, 2001); finalmente, a produção industrial

diminuiu em escalas constantes depois da Revolução: de 12,5 em 1961-65 para 11,0 em 1981-85 e 10,9 em 1996-2000 (MESA-LAGO, 2000; ONE, 2001). Nos anos de 1995 a 2000, o investimento total no setor açucareiro, com objetivo de incrementar essa indústria foi de 980 milhões de pesos. "Esses resultados confirmam a tradicional fraqueza do setor externo cubano que depois de mais de dez anos de transformação econômica foi incapaz de mudar substancialmente o padrão da inserção externa no comércio mundial de bens" (TRIANA, 2002, p.13).

Assim, entre 1994 e 2003, a produção de açúcar anual alcançou uma média de 3,7 milhões de toneladas: menos da metade da produção média dos anos 80. A produção de açúcar na safra de 2002-2003 foi de 2,2 milhões de toneladas, resultando na mais baixa desde 1933. A safra de 2003-2004 gerou 2,5 milhões de toneladas, ou seja 70% abaixo do nível de 1989. As causas de um comportamento tão baixo foram:

- 1) A área dedicada à cana passou de 15%;
- 2) A safra diminuiu 46%;
- 3) A produção industrial diminuiu de 12,5% (1961-65) para 10,1% em 2002 (PÉREZ-LÓPEZ, 2003).

Em 2003, 45% dos engenhos açucareiros foram fechados, e a terra cultivada com cana de açúcar foi reduzida em 65%, passando de 2,2 milhões de hectares a 765.000 hectares, por o baixo rendimento da indústria, somado aos baixos preços do açúcar no mercado mundial (MOLINA, 2005).

Segundo o MINAZ (*Ministerio del Azúcar*), o custo em pesos de se produzir 1 tonelada de açúcar aumentou de 0.90 em 1993-94 para 1.92 em 1997-98, e 1.29 em 2002-03. Além destes fatores, a falta de chuva produziu canas menos produtivas, com baixo teor de açúcar.

Em março de 2005, o MINAZ calculou que a safra renderia no máximo 1.7 milhões de toneladas. Neste mesmo ano, Castro afirmou que “o açúcar pertence a tempos de escravidão, e nunca voltará a este país”.

O declínio significativo da produção do açúcar em 2004-2005 foi o golpe final da indústria açucareira e criou problemas sérios enquanto Cuba lutava para cobrir suas necessidades domésticas (700.000 toneladas), e seus compromissos externos. Em dezembro de 2004, Cuba comprou da Colômbia 15.000 toneladas de açúcar e mais 7.000 toneladas em fevereiro de 2005 (MESA-LAGO, 2008).

Em 2006, o preço do açúcar mundial subiu devido à safra extremamente baixa de Cuba e dos problemas que enfrentaram outros grandes produtores mundiais, como a Índia, mas Cuba não pode se beneficiar desta situação, pois parte considerável do açúcar produzido já estava comprometida para ser exportado a preços abaixo dos atuais do mercado mundial (MESA-LAGO, 2008).

### **3.2) Os desafios do Século XXI**

A partir do ano 2000 Cuba enfrenta forte recessão, e os resultados de uma recuperação econômica começaram a aparecer em 2003, pois PIB foi de 3,8%, elevando-se nos anos posteriores, com resultados surpreendentes em 2005 e 2006, 11,2% e 12,1%, respectivamente. Já em 2007, alcançou apenas a cifra de 7,5%, em decorrência dos efeitos climáticos na agricultura, bem como do atraso nas importações de bens de consumo (MENDES E MARQUES, 2009).

Carmelo Mesa-Lago (2003), uniu os pontos apontados por vários autores como os principais problemas que Cuba enfrentou e continuará a enfrentar nestes anos iniciais do Século XXI:

1. O progresso realizado não tem suporte sólido para garantir a sustentabilidade da recuperação e foi incapaz de reconstruir as bases internas da acumulação de capital;
2. O ajuste macroeconômico ainda é insuficiente e continua a gerar tensões econômicas e sociais, o processo de mudança gera uma tensão interna entre objetivos econômicos e efeitos sociais;
3. A URSS e outros países socialistas contribuíram para um alto nível de acumulação de capital antes dos anos noventa, mas não há possibilidade de voltar àquelas condições favoráveis, os novos investimentos foram insuficientes e não desempenharam o papel essencial exigido para o crescimento de longo prazo, é impossível restringir ainda mais o consumo, pois já está muito deprimido, e a única saída é aumentar a eficiência interna e a competitividade das empresas;
4. O turismo, os investimentos externos, as remessas do exterior e algumas exportações ajudaram na recuperação econômica dos anos noventa, mas seus efeitos multiplicadores são insuficientes para manter um crescimento dinâmico e reduzir a

dependência externa, em 2001 a economia ainda não se recuperou completamente e está abaixo do nível de 1989;

5. A indústria açucareira está num estado depressivo que causa um impacto adverso na recuperação econômica: a queda da produção de açúcar prejudicou a manufatura e a economia em geral e reduziu o acesso ao crédito internacional, o declínio da participação do açúcar no total das exportações não foi resultado do crescimento de outras exportações;

6. A maioria (83%) das exportações cubanas (açúcar, níquel, tabaco e peixe) é composta por produtos primários tradicionais típicos de países subdesenvolvidos, enquanto apenas uma minoria minúscula (7%) é composta por produtos manufaturados ou semimanufaturados. Estes últimos desempenharam, portanto, um papel muito pequeno na geração de exportações, resultando numa dependência excessiva de atividades com baixo nível de processamento dos recursos naturais e na estagnação das exportações com alto valor agregado e complexidade tecnológica;

7. Os serviços turísticos não envolvem avanço industrial, são típicos de países subdesenvolvidos, não são um indicador de progresso no sentido de modos mais altos de inserção internacional e não conduzem necessariamente ao desenvolvimento;

8. A biotecnologia não fez inserções significativas no mercado internacional;

9. A dependência excessiva e crescente da importação de alimentos essenciais (bem como de combustível) restringe a importação de bens de capitais e intermediários, cruciais para o crescimento econômico;

10. Há um componente importado excessivo nas atividades que geram moeda forte, como turismo;

11. A sobrevalorização do peso na taxa de câmbio oficial provoca efeitos negativos em termos de incentivos para a exportação;

12. O crescimento econômico não reduziu o déficit da balança de pagamentos, um obstáculo para mais crescimento, e há acesso escasso ao crédito externo, que é de curto prazo e muito caro, tornando difícil pagá-lo;

13. A moeda dupla em circulação e a dupla taxa de câmbio são problemas que precisam ser corrigidos;

14. A liquidez monetária aumentou significativamente em 2000, 79 meses depois do início do programa para combatê-la (*desmonetización*) há uma eficácia decrescente das

ferramentas originais usadas para extrair dinheiro da circulação porque a maioria da população tem menos dinheiro para comprar bens caros nos mercados livres;

15. Os preços não declinaram em seis anos nos mercados agrícolas, alimentando assim a inflação e afetando o consumo da população;

16. Há uma desconexão entre salários (amarrados em larga medida a um peso sobrevalorizado no câmbio oficial) e preços de bens nos mercados livres (mais conectados à taxa de câmbio não-oficial), provocando assim efeitos adversos: distorções na produção agrícola devido à renda diferencial entre setores com preços controlados e não-controlados, estagnação relativa nos mercados livres fora da agricultura, obstáculos para restabelecer o trabalho como fonte fundamental da renda, desincentivos à produtividade dos trabalhadores e camponeses e obstáculos à melhoria do consumo da população;

17. O modelo convencional de planejamento físico centralizado não é viável, mas não há consenso com respeito às várias propostas sobre o tipo de planejamento a seguir e também não há uma estratégia explicitamente definida de desenvolvimento, aspectos essenciais que requerem discussão;

18. O sistema de aperfeiçoamento das empresas é incipiente e lento, há na verdade um surto de "verticalismo" e uma tendência no sentido da concentração empresarial, e o processo gerará superávit de mão-de-obra que será difícil de empregar em outro lugar; e;

19. Os salários reais diminuiram e há desemprego disfarçado, renda estratificada e concentração significativa de depósitos bancários numa minoria da população.

Estes problemas da economia cubana podem ser melhor analisados, quando se observa os setores que compõem os saldos na balança comercial do país:

### **3.2.1) Importações**

Desde o desaparecimento do campo socialista, a proporção de bens de capital dentro do total de importações de bens foi muito baixa. Durante a crise econômica do Período Especial, a capacidade de importação ficou limitada aos bens de consumo – basicamente alimentos - e produtos intermediários (destaque para os combustíveis).

Limitou-se a compra de maquinários e meios de transporte necessários para sustentar um crescimento econômico saudável (PÉREZ-LÓPEZ, 2008).

**TABELA 16: CUBA: COMÉRCIO DE BENS 2001-2006 (milhões de pesos)**

Bens	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Importações	1.622	1.422	1.671	2.180	2.160	2.905
Exportações	4.469	3.810	4.245	5.098	7.163	9.503
Saldo	2.847	2.388	2.574	2.918	5.003	6.598

Fonte: PÉREZ-LÓPEZ; *Tiempo de cambios: tendencias del comercio exterior cuba*, EUA, 2008.

Em 2001 os bens de capital representaram 14% das importações de bens; os de consumo 23% e os produtos intermediários foram responsáveis pela parcela de 63% do total destas importações. Em 2006, os bens de capital cresceram até 20% das importações, enquanto os bens de consumo representaram 23% e os produtos intermediários representaram 57%. A questão principal a ser analisada neste período 2001-2006 é que cerca de 60% das importações de bens de consumo foram de alimentos. Cuba importou grandes quantidades de cereais e trigo (por questões climáticas não podem ser cultivados na ilha), mas também carne, arroz, feijão, leite entre outros (que já foram cultivados em larga escala para suprir as necessidades da demanda interna). Este fato só mostra o pobre desempenho do setor agropecuário. Já o aumento das importações de bens intermediários reflete a tendência crescente de aumento no preço dos combustíveis, pois em 2001 estes representaram 32% das importações dos bens intermediários, enquanto outros produtos desta mesma cesta (têxteis, algodão, ferro, madeira, papel) representaram 22%, e por fim os químicos 16%. Em 2006, acordos de importações preferenciais com a Venezuela, os combustíveis representaram 42% do valor total das importações dos produtos intermediários (MESA-LAGO, 2008).

### 3.2.2) Exportações

Ao se analisar os bens exportados, é notável uma participação relativamente baixa e decrescente da indústria açucareira – uma que de 73% entre 2001 e 2005 – ou seja, dos

550 milhões de pesos que a cana gerava para o país, 4 anos depois gerou apenas 149 milhões. Em 2006, houve um pequeno crescimento, mas mesmo assim, a participação do açúcar na Balança comercial foi de apenas 8% .Esta queda da indústria açucareira se explica devido às políticas direcionadas à esta indústria por parte do governo (PÉREZ-LÓPEZ, 2008).

Em 2002, o governo anunciou o fechamento de 71 dos 156 centro açucareiros, além da reorientação de outros 14 à produção de derivados de açúcar. Além disso redirecionou-se cerca de 1,3 milhões de hectares de terras dos 2 milhões totais antes dedicados ao açúcar (MOREIRA, 2007).

Como resultado imediato destas sanções, se teve a eliminação de 1.000.000 empregos do setor. Em 2005 houve uma segunda onda de cortes no setor, chegando a um nível capaz de suprir as necessidades internas e gerar um pequeno excedente destinado à exportação. Neste mesmo ano, Fidel Castro proclamou o fim da Era do Açúcar, associando-a à escravidão e analfabetismo (MESA-LAGO, 2008)

Apesar do crescimento econômico verificado a partir de 2003, Cuba ainda enfrenta desequilíbrios e carências socioeconômicas marcadas pela aguda recessão dos anos 1990. A Agricultura é um dos setores que não consegue obter um desempenho constante, provocando escassez de comida e reduzida produtividade agrícola, o que gera o aumento da taxa de importação (84% da comida da ilha) (MENDES E MARQUES, 2009).

Os reflexos para o setor canavieiro são expostos na tabela abaixo:

**TABELA 17: PRODUÇÃO DE CANA DESDE 1999 À 2009 (MMt)**

SAFRAS	Total	Estatat	Não Estatat
1999/2000	36,4	2,9	33,5
2000/2001	32,1	2,6	29,5
2001/2002	34,7	2,8	31,9
2002/2003	22,1	0,6	21,5
2003/2004	23,8	1,3	22,5
2004/2005	11,6	0,4	11,2
2005/2006	11,1	0,4	10,7

2006/2007	11,9	0,3	11,6
2007/2008	15,7	0,4	15,3
2008/2009	14,9	0,3	14,6

---

Fonte: Anuario Estadístico de Cuba, 2009.

Em 2007, dois furacões atingiram a ilha destruindo grande parte das plantações, aliado à esses fatores, o que contribui para a decadência da produção, e posterior exportação do açúcar, são os concorrentes internacionais, com destaque para Brasil, China e Índia

Essa diminuição de produção se deu principalmente devido à grande competitividade dos outros países produtores do açúcar, com destaque para Brasil, Índia e China que produzem cada vez mais intensivamente, com elevado coeficiente de tecnologias e massivos investimentos privados (MENDES E MARQUES, 2009).

## Conclusão

Como toda colônia de exploração, Cuba construiu suas bases econômicas de acordo com os interesses da sua metrópole, que neste caso encontrou no clima cubano as condições perfeitas para o cultivo de cana.

É indiscutível a importância do açúcar no desenvolvimento inicial da economia da ilha. A cana foi capaz de levar Cuba como um dos maiores produtores mundiais, e detentora de uma tecnologia e conhecimento quase exclusivos.

Devido à esta “herança” da época colonial, em anos posteriores, a proximidade geográfica com EUA fez com que acordos bilaterais fossem feitos. No entanto, no longo prazo, estes acordos beneficiaram somente a economia norte-americana, pois os investimentos *yankees* na ilha, visavam o beneficiamento do açúcar para seu consumo, e não buscavam o desenvolvimento de outras indústrias. Na década de 30, com o setor externo desfavorável, os EUA procuraram cada vez mais obter vantagem na compra do açúcar e à proteger sua indústria local, e para isso fizeram sanções econômicas à Cuba. O resultado deste “bloqueio” foi evidente na Balança Comercial cubana: superávits cada vez menores e aproximação com déficits cada vez maiores, pois o então grande comprador da base econômica de Cuba subitamente começou a buscar em outros mercados o bem antes suprido pela ilha. Somado à estas obstruções, o governo cubano se viu obrigado à substituir os modos de produção agrícola, que eram dedicados quase que exclusivamente à cana, e se passou à dedicar à itens básicos da alimentação da população. Neste contexto e especialmente a partir de 1959, a organização e administração da agricultura cubana experimentou mudanças constantes.

A concepção estratégica do papel da agricultura no desenvolvimento econômico do país também mudou através do tempo, mas a estratégia geral se instituiu desde 1963, quando o setor agrícola se intensificou e se mecanizou de forma crescente, ainda que a medida de diversificação estivesse limitada por um compromisso permanente de expansão da produção açucareira. Este compromisso foi financiado por um grande subsídio da União Soviética sobre o preço do açúcar.

A evolução da produção foi notável a partir de 1970, mesmo existindo muitos obstáculos para a obtenção de uma eficiência maior.

A problemática desta “artificialização” dos preços do açúcar se dá em 1989, com o fim da URSS, e o consequente excedente de produção, já que os EUA manteve o embargo econômico sobre a ilha.

A recuperação deste mercado não acontece nos anos subsequentes e perdura até os dias de hoje. A tecnologia ultrapassada, a produção de outros bens necessários à população, e a forte concorrência de outros países faz com que o governo não imprima esforços para que a ilha volte a alcançar as cifras que um dia a colocaram como líder isolada na produção e comercialização do açúcar.

## Referências Bibliográficas

**BRUNDENIUS**, Claes, “*Revolutionary Cuba, the challenge of economic growth with equity*”, EUA, 1984

**CARCANHOLO E NAKATANI**, Marcelo D. e Paulo; “Crise e Reformas de Mercado: a experiência de Cuba”,2001; em <http://www.ejournal.unam.mx/pde/pde128/PDE12807.pdf>

**CEPAL** (*Comisión Económica para América Latina y el Caribe*), “*Inventario de los servicios estadísticos en Cuba*” (LC/MEX/R.833), México, 2003.

**CHARADAN**, F López. “La industria azucarera en Cuba”. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 1982.

**CEE**, Comité Estatal de Estadísticas *Anuario Estadístico de Cuba, La Habana: Editorial Estadística*. 1989.

**FRAGINALS**, Manuel Moreno. “O engenho: complexo sócio-econômico açucareiro cubano.” São Paulo: Hucitec - Unesp, 1988

**FUNES, F.; GARCÍA, L.; BOURQUE, M.; PÉREZ, N.; TOSSET, P.** “*Transformando el Campo Cubano: Avances de la Agricultura Sostenible. Food First*” - Instituto para las Políticas de Alimentación y Desarrollo, USA. 2001. 285 p.: ill.

**GARCIA MOLINA**, Jesús M., “*La Economía cubana desde el siglo XVI al XX: del colonialismo al socialismo com mercado, Unidad del desarrollo económico*”, CEPAL,2005, México, em [http://www.eclac.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/7/20767/P20767.xml&xsl=/mexico/tpl/p9f.xsl&base=/ddpeudit/tpl/top-bottom\\_ind.xslt](http://www.eclac.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/7/20767/P20767.xml&xsl=/mexico/tpl/p9f.xsl&base=/ddpeudit/tpl/top-bottom_ind.xslt)

**HOHLFEDT**, Antonio; “Cuba: da agricultura às artes plasticas; Brasil”, 1987

**LARA**, José Bell. *Cambios mundiales y perspectivas. Revolucion Cubana. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales*, 1999.

**MARQUETTI , Hiram.** “*Cuba Reanimación del Sector Industrial*”, Revista Bimestre Cubana, No. 13, Julho-Dezembro: 5-30. 2000.

**MENDES E MARQUES,** Aquilás e Rosa; Meio Século de Revolução Cubana: triunfos e desafios para o seu socialismo, 2008; em <http://www.ifch.unicamp.br/cemarx/coloquio/Docs/gt8/Mesa2/meio-seculo-de-revolucao-cubana-triunfos-e-desafios-para-o.pdf>

**MESA-LAGO, Carmelo.** “*The Cuban Economy in 1997-1998: Policies and Performance*”, *Cuba in Transition*. Washington D.C.: ASCE, Vol. 8: 1-8, 1998.

**MESA-LAGO, Carmelo.** “A economia cubana no início do século XXI: avaliação do desempenho e debate sobre o futuro”; *University of Pittsburgh*, 2003, em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762003000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762003000100008&script=sci_arttext)

**MINAZ** (Ministério del Azúcar), em <http://www.cubaindustria.cu>

**MOREIRA,** Eduardo Fernandes Pestana; Evolução e perspectivas do comércio internacional de açúcar e álcool, São Paulo, 2007, em [http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select\\_action=&coobra=77707](http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&coobra=77707)

**OPINIÃO PÚBLICA,** Campinas, Vol. IX, nº 1, 2003, pp. 190-223

\_\_\_\_\_. 2000. *Anuario Estadístico de Cuba 1999*. Havana.

\_\_\_\_\_. 2001. *Anuario Estadístico de Cuba 2000*. Havana.

**PÉREZ-LÓPEZ, Jorge F.;** *Tiempo de cambios: tendencias del comercio exterior cuba*, EUA, 2008; em [http://www.nuso.org/upload/articulos/3541\\_1.pdf](http://www.nuso.org/upload/articulos/3541_1.pdf)

**PEREZ-LÓPEZ,** Jorge F., *The economics of Cuban sugar*; University of Pittsburgh Press, 1991

**PIÑEDA B., Gilberto.** *Las Reformas Económicas en Cuba. De un modelo de planificación centralizado a la planificación descentralizada*. 1959-2000. México: UABCS - *Universidade Autónoma de Baja California Sur*, 2001.

**RODRÍGUEZ**, José Luis. *Ministro de Economía y Planificación. Panel sobre Economía Cubana. III Encuentro Internacional de Economistas. Globalización y problemas del desarrollo.* Havana, 29/01 a 02/02/2001

**TRIANA CORDOVÍ, Juan.** “*La Economía Cubana en 1999*”, *La Economía Cubana: Coyuntura*, cit.: 1-16. 2000.

\_\_\_\_\_. 2001. “*La Economía Cubana en el Año 2000*”, *La Economía Cubana en el 2000*, cit.: 1-17. *A economía cubana no início do século XXI: Avaliação do desempenho e debate sobre o futuro* 223

\_\_\_\_\_. 2002. “*La Economía Cubana en 2001, una Perspectiva Global*”, *La Economía Cubana en 2001.* Havana: Centro de Estudios de la Economía Cubana/ Friedrich Ebert Stiftung, abril: 18.

**TWOMEY E HELWEGE**, Michael J e Ann, *Modernización y estancamiento: La agricultura latinoamericana en los años noventa.* Mexico: *Fondo de la Cultura Económica*, 1994